



Direitos Humanos, Diversidade Humana e Serviço Social

PATRIARCADO E HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA: UM ESTUDO SOBRE O FEMINISMO LÉSBICO NA FRANÇA

Natália Vilma Monteiro de Oliveira¹

RESUMO

O presente trabalho busca analisar os caminhos teórico-políticos da perspectiva lésbica do Feminismo Materialista Francófono (FMF), que surgiu na década de 1970 em torno da crítica ao patriarcado e à heterossexualidade compulsória. Reunidas na revista *Questions Féministes*, autoras como Colette Guillaumin, Monique Wittig e Nicole Claude-Mathieu desenvolveram um feminismo materialista, antinaturalista e preocupado com os impactos da heterossexualidade na vida das mulheres. As duas últimas, em especial, acrescentaram às análises feministas a centralidade da experiência lésbica e o entendimento de que a heterossexualidade é um sistema político apoiado na dominação e opressão compulsória das mulheres. O percurso metodológico, por sua vez, parte da revisão bibliográfica dessas autoras, bem como de Jules Falquet e Maíra Abreu, teóricas contemporâneas que partilham da perspectiva feminista e lésbica estudada. Sendo assim, a análise conclui que o feminismo lésbico francês possui um conjunto de caminhos analíticos fundamentais ao enfrentamento das expressões da dominação, exploração e opressão das mulheres a nível mundial, como também é um exemplo de organização política feminista na contemporaneidade.

Palavras-chave: Feminismo Materialista Francófono; lesbianidade; patriarcado; heterossexualidade compulsória.

1 INTRODUÇÃO

Entre 1970 e 1980, um conjunto de escritoras e militantes preocupadas em elaborar uma teoria feminista radical se reuniram em torno da revista *Questions Féministes*, na França, em meio a efervescência político-cultural do “Maio de 68”. O cenário era de forte mobilização política de grupos considerados insurgentes, entre estudantes, mulheres, população negra e LGBTI+, que apontavam novas maneiras de fazer revolução fora dos moldes organizativos dos movimentos socialistas. Entre esses grupos, surgiam mulheres organizadas no que viria a ser chamado, anos mais tarde, de “Segunda Onda” do movimento feminista, isto é, um novo contexto de articulação coletiva que contrariava as demandas da “Primeira Onda”: agora, as feministas do século XX buscavam emancipar todas as mulheres das amarras do patriarcado e da vida doméstica.

¹ Mestranda em Serviço Social na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: natalia.vilma.016@ufrn.edu.br.



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

Nesse contexto, um movimento feminista ganhou destaque: o Feminismo Materialista Francófono (FMF), cujas principais representantes eram Christine Delphy, Colette Guillaumin, Nicole Claude-Mathieu, Monique Wittig, entre outras. Tanto através da revista *Questions Féministes*, quanto da militância política, foram essas feministas que ficaram conhecidas por realizar críticas ao pensamento essencialista/naturalista dominante que determinava às mulheres o lugar da subalternidade e da submissão aos homens. Paralelo a isso, crescia um movimento autônomo de mulheres lésbicas que buscava preencher as lacunas desse feminismo ascendente que não considerava a heterossexualidade como um dos pilares da dominação das mulheres. Representado sobretudo por Monique Wittig, esse movimento objetivava visibilizar a experiência lésbica e analisar a heterossexualidade como sistema político.

É precisamente essa perspectiva lésbica do Feminismo Materialista Francófono que este artigo pretende analisar, ao considerar a importância de resgatar análises materialistas, radicais e que valorizam o estudo da lesbianidade diante dos processos de dominação, exploração e opressão das mulheres na sociabilidade capitalista. Assim, parte-se de uma pesquisa qualitativa, com abordagem bibliográfica, que se resume na leitura e interpretação das autoras materialistas francófonas, em especial as do movimento lésbico, representando todo um percurso de pesquisa que se iniciou na Iniciação Científica (IC) no curso de Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e que continua, agora, no mestrado em Serviço Social da mesma universidade. Toda essa pesquisa só foi possível através de um percurso teórico-metodológico apoiado no materialismo histórico-dialético, que apreende a historicidade e a totalidade como inerentes ao conhecimento humano.

Nesse sentido, este artigo está estruturado da seguinte forma: primeiro, busca-se apreender e demonstrar o referencial teórico por trás dos principais caminhos analíticos do FMF, estruturados em torno da análise dos processos de dominação, exploração e opressão das mulheres, que as compreendem como classe sexual dominada dentro das relações sociais de sexo. Segundo, busca-se descrever o percurso metodológico desta pesquisa, que está calcado na tradicional relação entre método materialista e feminismo; e, por último, têm-se a análise das principais discussões e resultados em torno da pesquisa.



2 FEMINISMO MATERIALISTA FRANCÓFONO: UM REFERENCIAL TEÓRICO LESBO-FEMINISTA

Quando se trata de analisar a perspectiva materialista do feminismo francês, que se convencionou chamar de Feminismo Materialista Francófono, existem dois caminhos importantes a se explorar: o teórico, que reúne os caminhos e referenciais analíticos das autoras desta corrente, e o prático-político, que diz respeito às lutas sociais lideradas por essas mesmas autoras ou por movimentos que tiveram como perspectiva as análises materialistas da dominação das mulheres. O referencial teórico do FMF, certamente, compreende três caminhos fundamentais: o entendimento de mulheres como classe social, a crítica antinaturalista e a identificação da heterossexualidade como um sistema apoiado na dominação das mulheres (Curiel; Falquet, 2014). Nesta seção, busca-se explorar esses caminhos para apreensão da teoria feminista francófona.

Nesses termos, entender as mulheres como classe social significa atribuir às relações entre homens e mulheres em termos de classe, isto é, como sujeitos coletivos que se relacionam a partir de um explícito antagonismo e divergência de interesses. Assim como a tradição marxista definiu a relação antagônica entre classe burguesa e proletária no limiar da sociabilidade capitalista, as materialistas francófonas compreendem que em sociedades patriarcais imperam as relações sociais de sexo, determinadas por duas classes (classes de mulheres e classes de homens) que participam de uma dinâmica não de complementariedade ou efetividade, como por séculos as ideologias dominantes fez acreditar, mas de dominação e exploração, cuja classe que exerce o poder é resumida pelo conjunto de todos os homens.

Na tradição francesa, entretanto, a compreensão do conceito de “relações” exige o entendimento correto do termo que carrega dois sentidos divergentes:

Em francês, existem duas palavras bem diferenciadas: *relations* (relações no sentido micro, interpessoal, cotidiano, por exemplo, a relação entre duas pessoas, as relações entre uma mulher e um homem, que podem ser boas, más ou regulares) e *rappports* (relações no sentido estrutural, macro, entre grupos; por exemplo, as relações de classe que colocam a classe proletária e a classe burguesa em posições antagônicas, ou as relações sociais de sexos, que aludem a uma relação estrutural de poder). Em português, espanhol e inglês existe apenas uma palavra, o que complica o entendimento fundamental do pensamento das feministas materialistas francófonas, acerca das diferenças entre o nível micro das *relations* sociais (onde existem indivíduos mais ou menos “livres”) e o nível macro, estrutural, das *rappports* sociais,



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

onde os indivíduos são profundamente marcados(as) por sua posição de classe, numa dinâmica de classes antagônicas (de sexo, de raça ou classe social) (Curiel; Falquet, 2014, p. 31).

Ou seja, quando as francófonas designam as relações entre homens e mulheres em termos de classe, isso significa que mudanças à nível micro, dentro das relações interpessoais entre casais e familiares, dificilmente alcançam transformações efetivas nas bases que estruturam a dominação das mulheres, quais sejam: as relações patriarcais, capitalistas e heterossexuais. As mulheres são dominadas, exploradas e oprimidas por um conjunto de fatores históricos que permanecem atuantes na sociedade atual, justamente por estarem enraizadas e por serem frequentemente naturalizadas ao largo da história humana. No contexto da década de 1970, quando o FMF se originou, a naturalização dessas relações esteve à cargo do que as autoras chamaram de “essencialismo” ou “naturalismo”, uma posição ideológica dominante que buscava atribuir uma essência feminina às mulheres a partir de suas características biológicas e capacidades reprodutivas, criando um destino natural do qual nenhuma mulher poderia fugir: ser mãe, ter um relacionamento heterossexual e viver nas privações da vida doméstica.

Ao dizer que homens e mulheres conformam classes sexuais, as francófonas confrontam diretamente essa perspectiva dominante que, atualmente, é reproduzida pela ideologia conservadora e reacionária. Essas ideologias ficaram conhecidas por homogeneizar e reduzir um grupo de pessoas a uma essência, sendo o racismo um dos principais exemplos de essencialização (Abreu, 2016). No que compete às mulheres, “naturalismo” foi o termo mais utilizado pelas francófonas para designar uma essencialização a partir do biológico, também denominado frequentemente de “diferença sexual”. Tal pensamento, dominante durante todo o século XX, determina às mulheres uma especificidade que as diferencia dos homens: enquanto as mulheres supostamente seriam seres naturais, dotadas de um dom do cuidado e incapazes de exercer atividades fora do ambiente doméstico e reprodutivo, os homens seriam o sexo de referência, dotados de toda a força, poder e criatividade essenciais à vida pública. Esses são os termos ideológicos da histórica “divisão sexual do trabalho”, que aprisionou as mulheres na esfera da reprodução social.



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia
23 a 27 de setembro de 2024

Dito isto, a posição antinaturalista do FMF representa uma crítica fundamental às ideologias dominantes que buscam manter e aprofundar a dominação patriarcal historicamente. Segundo Abreu (2016, p. 178):

A crítica ao naturalismo foi um ponto fundamental da agenda de amplos setores do movimento feminista da “segunda onda”. Na França, constituiu a plataforma crítica para a reflexão de muitas feministas e aparece já nos primeiros escritos do movimento, nas palavras de ordem, sendo frequentemente evocada nos depoimentos e escritos de ordem memorialística. Christine Delphy considera o antinaturalismo um ponto fundamental da sua *démarche*. Emmanuelle de Lesseps afirma-se resolutamente antiessencialista. Liliane Kandel menciona em uma “raiva antiessencialista”. Colette Guillaumin localiza a gênese do seu pensamento, assim como de toda uma geração de feministas, no contexto da Segunda Guerra Mundial. O horror ao genocídio, motivado pela ideia biológica de raça, parece ter sido um ponto de partida importante para a formulação de uma perspectiva antinaturalista feminista.

Embora o antinaturalismo já estivesse presente na obra de Simone de Beauvoir, autora feminista estruturalista que teve uma considerável influência no feminismo francófono, essa perspectiva ganhou maiores contornos entre as francófonas Christine Delphy, Colette Guillaumin e Monique Wittig. Essa posição antinaturalista marca as frequentes analogias que essas autoras traçaram com outros grupos naturalizados, como a população negra que é historicamente subordinada em função de uma essencialização que ignora construções sociais e políticas. Colette Guillaumin, por exemplo, comparou a dominação das mulheres com a servidão e a escravidão que tem na apropriação física dos dominados sua principal característica.

Por fim, a compreensão da heterossexualidade como um sistema político, empregada por autoras e militantes lésbicas do feminismo francófono, foi uma posição teórica bastante original e responsável por fazer uma crítica dupla: tanto ao feminismo heterossexual que considerava que as demandas lésbicas eram formas de fragmentar o movimento feminista, quanto ao movimento gay (como era denominado na época), que entendia a sexualidade como um atributo biológico, ou seja, que todo indivíduo já nasceria heterossexual ou homossexual. Inconformada com os caminhos de ambos os movimentos, Monique Wittig ganhou destaque como uma das autoras fundamentais para a criação de um movimento lésbico autônomo que entendia que as lésbicas eram os verdadeiros sujeitos capazes de “fugir” das obrigações intrínsecas às relações de dominação:



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

Para Wittig, a existência de homens e mulheres não faz sentido senão dentro de sistemas de pensamento e econômicos heterossexuais. Por esse motivo, ela afirma que não se pode dizer que “as lésbicas, vivem, associam-se, fazem amor com mulheres” porque, “as lésbicas não são mulheres”. “Lésbica’ seria o “único conceito que estaria para além das categorias de sexo porque o sujeito que o termo designa não seria mulher, nem economicamente, nem politicamente e nem ideologicamente”. Para Wittig, as lésbicas expressariam trãsfugas de sua classe (Abreu, 2016, p. 217).

Por causa de todos esses caminhos analíticos que resumem o referencial teórico deste trabalho, o Feminismo Materialista Francófono é entendido como um movimento teórico-político radical, que busca enfrentar não só as estruturas que conformam a base da dominação, exploração e opressão das mulheres, como as ideologias dominantes que reúnem as expressões sociais, políticas e culturais dessa dominação. A perspectiva lésbica que nasce desse movimento, entretanto, contém uma das posições mais ameaçadoras ao patriarcado e à dominação masculina, enquanto permite realizar um conjunto de crítica às insuficiências, contradições e esquecimentos dos movimentos feministas heterossexuais e dos movimentos gays que as leva a tomar uma posição de autonomia organizacional e sobretudo teórica (Falquet, 2012). No subtópico abaixo, busca-se detalhar um pouco sobre essa posição lésbica autônoma.

2.1 HETEROSSEXUALIDADE COMO SISTEMA POLÍTICO: UMA POSIÇÃO LÉSBICA ORIGINAL

A necessidade de construir um movimento lésbico autônomo na França surgiu diante de um conjunto de demandas que não eram suficientemente elaboradas e priorizadas pelas feministas e pelos grupos gays na década de 1970. Ocorreu que para o feminismo ascendente no país, de um lado, as lésbicas representavam uma ameaça à unidade feminista, uma tentativa de acabar com a união das mulheres em prol de um objetivo comum; enquanto para os grupos gays (e de homossexuais mistos, que aceitavam colaborar politicamente com mulheres lésbicas), por outro lado, a autonomia lésbica não tinha a mesma importância e dificilmente era tratada com seriedade. A experiência coletiva das lésbicas de não encontrar espaços políticos de atuação



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

gerou um conjunto de rompimentos e, conseqüentemente, a emergência de um movimento lésbico autônomo.

Entre as materialistas francófonas, o rompimento entre lésbicas e feministas heterossexuais ocorreu no interior da revista *Questions Féministes*. Segundo Abreu (2016), as lésbicas eram tratadas como “dogmáticas” e acusadas de promover uma prática de “grupo monolítico”, sendo recorrentemente excluídas de encontros promovidos por organizadoras da revista. De todos os conflitos e tensões existentes, o que mais se destacou foi a crítica que as lésbicas realizavam com frequências às mulheres heterossexuais, uma vez que “uma feminista que ama o seu opressor, é colaboração” (Abreu, 2016, p. 278). Isto é, a heterossexualidade, conforme era naturalizada pelas feministas, se mostrava uma estratégia do patriarcado que, no entanto, não era questionada pelas mulheres que mantinham relações afetivas e sexuais com homens.

Paulatinamente, esse conflito se estendeu à necessidade de criar um movimento lésbico autônomo que ficou conhecido como “lesbianismo radical” e que teve como demandas de luta: a luta contra a opressão heterossexual e patriarcal; a recusa de colaboração com os homossexuais homens; a crítica aos limites colocados pela heterossexualidade ao feminismo; e o entendimento da violência lésbica enquanto violência política (Abreu, 2016, p. 275).

Queremos levar ao limite a lógica das teorias das classes sexuais, a coerência da luta contra a Diferença; contribuir para destruição da oposição privado/político – premissas teóricas do feminismo radical que atualmente são renegadas, e das quais somos parte. Mas achamos que essas teorias feministas são insuficientes, pois elas não integram a dimensão opressiva do sistema heterosocial (...) e também porque elas não se abrem para a questão do nosso engajamento de vida, aqui e agora. Apenas o lesbianismo radical coloca essas questões e se propõe a aprofundá-las: é por isso que ele é rejeitado pelo Feminismo (Abreu, 2016, p. 280).

Dito isto, Monique Wittig, que foi uma das autoras que colaborou na revista *Questions Féministes*, defendeu o rompimento entre lésbicas e feministas heterossexuais em torno da dissolução da revista como um símbolo da separação entre “lesbianismo” e feminismo. Para ela, “lésbicas não são mulheres” (Wittig, 2022), pois é a heterossexualidade que cria as categorias sexuais “homem” e “mulher” das quais as lésbicas escapam. O que significa que, ao rejeitar a relação heterossexual e viver em prol de outras mulheres, as lésbicas seriam verdadeiras fugitivas de sua classe. Nesses termos, diferentemente da crença dos movimentos feministas e



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

gays de que a heterossexualidade se restringiria a ser uma mera sexualidade, Wittig e outras lésbicas passaram a denunciar a heterossexualidade como um sistema político fundamental à dominação das mulheres, pois consiste em apresentar como um fato biológico, inerente à natureza humana, a confiscação da reprodução das mulheres e de suas pessoas físicas como uma diferença natural e não uma diferença cultural (Wittig, 2022).

Outra autora importante para a perspectiva lésbica do FMF foi Nicole Claude-Mathieu, que acrescentou à análise da heterossexualidade como um sistema político um esquema de conceituação sexo-gênero que considera formas diferentes de conceber a naturalidade (ou não) do sexo e dos gêneros (Falquet, 2012). Para Mathieu (2014), a sociedade patriarcal e heterossexual concebe que o gênero necessariamente traduz o sexo, ou seja, se uma mulher nasce mulher e assim é identificada socialmente, precisa exercer os papéis femininos atribuídos a ela. Papéis, estes, já enumerados no tópico anterior: ser mãe, viver um casamento heterossexual, vestir-se e comportar-se como a sociedade demanda. O que o movimento lésbico faz, entretanto, é questionar esse modelo ao dizer que é o gênero que constrói o sexo, ou seja, é a cultura e as construções sociais que determinam o que é ser mulher na sociedade.

Assim, o primeiro tipo de contribuição do movimento lésbico para os outros movimentos sociais não é outro senão lhes permitir se interrogar sobre seus limites e sobre o que não foi pensado tanto nas suas práticas cotidianas quanto nos seus objetivos políticos, muito particularmente no domínio da sexualidade, da família, da divisão sexual do trabalho ou da definição dos papéis masculinos e femininos (Falquet, 2012, p. 15).

Nesse sentido, o antinaturalismo que já era marca do feminismo francófono foi aprofundado pelas autoras e militantes lésbicas quando estas perceberam que todos os aspectos relacionados à sexualidade continuavam sendo naturalizados pelas próprias mulheres engajadas no movimento. Além disso, diferentemente do que ocorreu nos Estados Unidos, por exemplo, que vivenciaram rompimentos entre movimentos feministas e lésbicos semelhantes (no Brasil, esse processo também ocorreu na década de 1980, em meio às lutas contra a ditadura civil-militar), as lésbicas na França não criaram um movimento separatista, isolado de outros combates específicos. No EUA a busca pela autonomia desembocou no “lesbianismo separatista”, frequentemente criticado por lésbicas negras, materialistas e radicais, pois fez com



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

que as militantes lésbicas se distanciassem de outras lutas fundamentais à superação do patriarcado e do capitalismo.

Assim, o “lesbianismo radical” que emergiu na França entre 1970 e 1980 pode ser caracterizado das seguintes formas: foi um movimento preocupado com a articulação entre teoria feminista e prática política; elevou às críticas materialistas ao pensamento dominante essencialista que cria mecanismos ideológicos de dominação das mulheres; realizou uma crítica dupla, tanto ao feminismo cada vez mais heterossexista quanto aos grupos gays que invisibilizavam as demandas lésbicas, na medida em que ambos os movimentos naturalizavam a heterossexualidade; e assumiu o entendimento de que a heterossexualidade é um sistema fundamental à dominação das mulheres.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa apresentada neste trabalho contém um conjunto de procedimentos metodológicos que se inicia na escolha por uma abordagem estritamente qualitativa, com a utilização de revisão bibliográfica das autoras que são referências no tema. Primeiro, porque de acordo com Minayo (2002), toda investigação nasce de problemas da vida prática que, neste caso, são os processos materiais de dominação, exploração e opressão das mulheres ao longo da história, bem como as formas de resistência traçadas pelo Feminismo Materialista Francófono. Embora a pesquisa quantitativa e a utilização de abordagens empíricas sejam fundamentais para alcançar a totalidade de qualquer objeto de estudo, no caso desta pesquisa o recurso metodológico que inclui a análise de teorias, conceitos, reflexões e produções analíticas consegue abranger todos os objetivos propostos.

Além disso, o objeto desta pesquisa exige a leitura bibliográfica das principais autoras materialistas francófonas, em especial as que pertencem à perspectiva lésbica, entre elas Wittig (2022) e Mathieu (2014), que escreveram entre 1970 e 1980, mas que são frequentemente revisitadas por Curiel e Falquet (2014) e Falquet (2012) na atualidade. As obras fundamentais destas autoras, sobretudo o texto “O pensamento hétero”, de Wittig, são lidos, interpretados e analisados à luz do método materialista histórico-dialético. O que demanda, da autora deste trabalho, apreender a realidade concreta, a existência objetiva tal como ela é em si mesma (Netto, 2011), e carregá-la de mediações, interpretações e significados que uma análise imediata



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

da aparência do objeto não permite conceber. Ou seja, o método histórico-dialético, tradicionalmente marxista, permite identificar as contradições do objeto de estudo e analisá-lo em sua totalidade e historicidade.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados deste trabalho apontam para o caráter totalmente radical, antipatriarcal e anticonservador do Feminismo Materialista Francófono e sua perspectiva lésbica. As experiências negativas vivenciadas pelas lésbicas dentro de movimentos feministas e gays, apresentadas no tópico anterior, fizeram com que essa perspectiva fosse capaz de alcançar análises que estavam alheias aos interesses de outras mulheres e grupos insurgentes, como a própria crítica à heterossexualidade. Percebe-se, então, que o que marca o pensamento lésbico, mesmo em sua diversidade, é a crítica à ideologia dominante que naturaliza a subordinação das mulheres e a heterossexualidade. Certamente, esta é uma grande contribuição teórico-política do feminismo materialista e da abordagem lésbica dela derivada.

Atualmente, o avanço de ideologias conservadoras e reacionárias tanto nos países do Norte, em especial a Itália que em 2023 promoveu a remoção sistemática do nome de mães lésbicas de certidões de nascimento², quanto nos países do Sul, a exemplo do Brasil que vivencia desde o mandato de Dilma Rousseff (2011-2016) uma ascensão conservadora que tenta minar a diversidade sexual e de gênero, inferem novos desafios aos movimentos lésbicos. Ele precisa agora enfrentar o exercício moral e ideológico do pensamento dominante, refletido no avanço dos grupos conservadores, reacionários e fundamentalistas religiosos que reproduzem a naturalização do sexo e da sexualidade.

Esses desafios, entretanto, não são novos: já na década de 1980 o conservadorismo crescia entre o pensamento dominante no contexto estadunidense e europeu, ganhando capilaridade inclusive no interior dos movimentos de esquerda. Foram as lésbicas, mais uma vez, que questionaram o conformismo e a virada conservadora desses movimentos. A figura abaixo extraída da obra *“The essential dykes to watch out for”*, da quadrinista Alison Bechdel, de maneira bem-humorada ilustra bem esses acontecimentos:

² Fonte: CNN BRASIL. Itália começa a remover nomes de mães lésbicas de certidões de nascimento. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/italia-comeca-a-remover-nomes-de-maes-lesbicas-de-certidoes-de-nascimento/>. Acesso em: 10 ago. 2024.



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

Figura 1 – Lésbicas contra o conservadorismo



Fonte: BECHDEL, Alison. The essential dykes to watch out for. São Paulo: Todavia, ed. 1, 2021. Tradução: Carol Bensimon.

Sendo assim, este trabalho conclui que a importância da perspectiva lésbica, sobretudo a que nasce no interior do Feminismo Materialista Francófono permanece na atualidade, diante dos novos desafios que o patriarcado, a heterossexualidade e as formas ideológicas conservadoras impõem a todas as mulheres na contemporaneidade. Resgatar suas análises



impede os movimentos sociais de recair novamente nos mesmos erros das décadas de 1970 e 1980 e aponta caminhos mais efetivos de enfrentamento ao patriarcado e à heterossexualidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As críticas contundentes das lésbicas francófonas ao movimento feminista significaram uma tomada de posição verdadeiramente radical e transformadora. Mesmo que elas tenham, a princípio, recusado a colaboração política entre feministas lésbicas e heterossexuais, ao defenderem a existência de organizações lésbicas autônomas, acredita-se que as análises lésbicas são profunda e necessariamente feministas e estão ancoradas em um mesmo objetivo: a destruição do patriarcado e seus mecanismos de dominação das mulheres pelos homens. O que significa que o movimento lésbico precisa estar atento aos perigos do separatismo, que em nada contribui para a luta coletiva contra sistemas e estruturas tão enraizados na sociedade.

Nesse sentido, a experiência das lésbicas francófonas, pautada não só na construção de uma identidade política forjada no reconhecimento de suas opressões específicas, mas no entendimento de que todas as opressões e violações vivenciadas pelas mulheres em cada aspecto da realidade social são provocadas também pelo regime compulsório da heterossexualidade, precisa ser cada vez mais estudada e divulgada para as futuras mulheres engajadas no movimento feminista e lésbico.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maira Luísa Gonçalves de. **Politizando a anatomia:** antinaturalismo e materialismo no pensamento feminista francês (1960-1980). Orientadora: Helena Hirata. 2016. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, São Paulo, 2016.

BECHDEL, Alison. **The essential dykes to watch out for.** São Paulo: Todavia, ed. 1, 2021. Tradução: Carol Bensimon.

CURIEL, Ochy; FALQUET, Jules. “Introdução”. In: FERREIRA, Verônica; ÁVILA, Maria Betânia; FALQUET, Jules; ABREU, Maíra (Org.). **O Patriarcado Desvendado:** teorias de três feministas materialistas. Colette Guillaumin, Paola Tabet e Nicole-Claude Mathieu. Recife: SOS Corpo, 2014.



26º Seminário de Pesquisa do CCSA

Crise Climática, Desenvolvimento e Democracia

23 a 27 de setembro de 2024

FALQUET, Jules. **Romper o tabu da heterossexualidade:** contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. Tradução de Renato Aguiar. Cadernos de Crítica Feminista, SOS Corpo, ano VI, n. 5, 2012.

MATHIEU, Nicole Claude. Identidade sexual/sexuada/de sexo? Três modos de conceitualização da relação entre sexo e gênero. In: FERREIRA, Verônica *et al* (Org.). **O patriarcado desvendado: Teorias de três feministas materialistas.** 1 ed. Recife: SOS Corpo, p. 175-222, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. DESKANDES, Suley Ferreira. **Pesquisa Social:** Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis, Vozes, 2002.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao Estudo do Método de Marx.** 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022. Trad. Maíra Mendes Galvão.